CAPÍTULO 13 - 444B7–445B2

> *444b7 É claro que aqueles que não respiram têm sensação do odorífero. Pois tanto os peixes quanto toda a classe dos insetos sentem intensamente à distância por causa da espécie nutritiva de odor, embora estejam muito longe de seu alimento próprio. Assim fazem as abelhas em relação ao mel; e o gênero de pequenas formigas que alguns chamam de "hexápodes"; e, entre os animais marinhos, o molusco púrpura. E muitos outros animais desse tipo sentem agudamente seu alimento por causa do odor.*
>
> *444b15 Mas com o que o sentem não é tão claro. Portanto, alguém poderia levantar a dificuldade sobre o que é que eles sentem o odor, já que o olfato ocorre em todos os animais que respiram de uma mesma maneira: pois é isso que parece acontecer em todos os animais que respiram, mas nenhum desses animais respira, e ainda assim eles sentem. A menos que exista algum outro sentido além dos cinco? Mas isso é impossível: pois o odorífero é o objeto do sentido do olfato, e o odorífero é o que eles sentem.*
>
> *444b21 Mas talvez não da mesma maneira. Nos que respiram, a respiração remove algo que está sobreposto como uma cobertura, e por isso eles não sentem quando não estão respirando. Mas nos que não respiram, isso está ausente. É semelhante aos olhos. Alguns animais têm pálpebras, e quando estas não estão abertas, eles não podem ver de maneira alguma. Mas animais que têm olhos duros não as possuem, e por isso não precisam de nada para abri-los; antes, eles veem imediatamente pela faculdade neles.*
>
> *444b28 Da mesma forma, nenhum dos outros animais despreza o que é por si mesmo repugnante em relação ao odor, a menos que algo lhe seja prejudicial, e eles se acostumam com tais coisas da mesma maneira. Assim como os seres humanos sofrem frio na cabeça com a fumaça do carvão, e são frequentemente prejudicados por ela, e são prejudicados pelo poder do enxofre, assim também os outros animais evitam essas coisas por causa da afecção. Mas eles não se importam com a repugnância em si mesma — embora muitas plantas tenham odores repugnantes — mas apenas se isso afeta o gosto ou o alimento.*
>
> *445a4 Os sentidos existem em número ímpar, e um número ímpar tem um meio. O sentido do olfato parece ser um meio entre os sentidos táteis, tato e paladar, e aqueles que sentem através de outra coisa, visão e audição. Assim, o odorífero é uma afecção do alimento; os objetos dos primeiros sentidos estão no mesmo gênero. Mas também está no gênero do visível e do audível; assim, as*

> *coisas são cheiradas tanto no ar quanto na água. Portanto, o odorífero é algo comum a ambos; está tanto no gênero do tangível quanto no do transparente e do audível. Por isso, a secura enchimóide do odorífero na umidade e fluidez é razoavelmente comparada a uma tintura e a uma lavagem. Que isso seja dito, então, sobre como devemos falar das espécies do odorífero, e como não devemos.*
>
> *445a16 O que alguns pitagóricos dizem não é razoável: eles dizem que alguns animais são nutridos por odores.*
>
> *445a17 Pois, primeiro, vemos que o alimento deve ser composto, pois o que é nutrido também não é simples. É por isso também que se produz uma superfluidade de alimento, seja internamente, ou, no caso das plantas, externamente. Além disso, a água sozinha não nutrirá por si mesma, pois o que vai construir tem que ser algo corpóreo. Além disso, é muito menos razoável que o ar se torne corpóreo.*
>
> *445a23 Além disso, vemos que todos os animais têm um lugar capaz de receber o alimento, do qual, após a entrada do alimento, o corpo o recebe. Mas o lugar para o odorífero está na cabeça, e o odor entra com a respiração, e assim vai para o lugar da respiração. Está claro, então, que o odorífero como tal não contribui para a nutrição.*
>
> *445a29 Mas está claro que contribui para a saúde, tanto pela observação quanto pelo que foi dito. Assim, o odorífero está para a saúde como o sabor, na parte nutritiva, está para o alimento.*
>
> *445b1 Que esta seja a determinação, então, com respeito a cada parte sensitiva.*

Comentário

444b7 Após o Filósofo ter mostrado que os homens e certos outros animais sentem o cheiro pela respiração, ele investiga aqui o modo como os animais que não respiram sentem o odor.

Sobre este ponto, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra o que é claro em tais animais; segundo, o que é obscuro, onde diz **Mas com que o sentem** (444b 15).

Assim, ele primeiro diz que é claro que os animais que não respiram sentem o odor, porque, como vemos, os peixes e toda a classe dos insetos – isto é, animais segmentados, como formigas, abelhas e semelhantes – sentem agudamente seu alimento à distância, quando estão demasiado longe de seu alimento próprio para poderem percebê-lo por seu próprio sentido da visão. Portanto, é claro que o percebem porque a espécie nutritiva do odor – isto é, na medida em que percebem o tipo de odor que é análogo ao sabor e indica a qualidade do alimento. Ele dá o exemplo das abelhas, que são movidas à distância para buscar mel; e o das pequenas formigas de seis patas,

que também são movidas à distância para buscar seu alimento; e o de certos outros animais chamados de púrpura devido à sua cor. Da mesma forma, muitos animais que não respiram são encontrados e sentem agudamente seu alimento à distância por causa do odor.

444b 15 Em seguida, quando diz **Mas com que o sentem**, ele mostra qual é a dificuldade com tais animais.

Sobre este ponto, ele faz três coisas. Primeiro, levanta a dificuldade. Segundo, a resolve, onde diz **Mas talvez não da mesma maneira** (444b2 1). Terceiro, esclarece a solução por meio de uma comparação, onde diz **Da mesma forma, nenhum dos outros animais** (444b28).

Assim, ele primeiro diz que, embora seja claro que os animais acima mencionados percebem o odor, não é tão claro com que o sentem. A razão da dificuldade é que todos os animais que respiram sentem o odor de uma só e mesma maneira, ou seja, pela respiração: pois é claro pela experiência que isso parece ocorrer em todos os animais que respiram. Mas, no caso dos animais acima mencionados, é claro que eles não respiram e, no entanto, sentem o odor.

Contudo, alguém poderia dar uma razão para essa diferença dizendo que tais animais sentem o odor por algum outro sentido, além dos cinco sentidos que receberam nomes. Essa resposta poderia parecer provável pelo seguinte motivo. Sentir é ser afetado por algo, e, assim, um modo diferente de sentir é, por assim dizer, um modo diferente de ser afetado que indica uma diferença de potência passiva. É como o modo pelo qual um modo diferente de agir significa uma diferença de potência ativa; como vemos, quanto mais forte é o calor, mais veemente é a ação de aquecer. Da mesma forma, então, do lado do que é passivo, o que é afetado de modo diferente parece ter uma potência passiva diferente, e, assim, o que sente de modo diferente parece ter uma potência sensitiva diferente.

Mas é impossível que eles sintam o odor de modo diferente, porque onde há o mesmo objeto sensível, há a mesma potência sensitiva, pois as potências são distinguidas segundo os objetos. Ora, é o mesmo objeto sensível que ambos os tipos de animal sentem, ou seja, o odoroso. Portanto, não pode ser que as potências sensitivas sejam diferentes.

444b21 Em seguida, quando diz **Mas talvez não da mesma maneira**, ele resolve a dificuldade apresentada da seguinte forma: os dois tipos de animal percebem o mesmo objeto do olfato, e com a mesma potência sensitiva, mas não da mesma maneira.

Pois deve-se considerar que o modo de sentir pode variar de duas maneiras.

Uma é *per se*: esta é segundo as diferentes relações dos objetos sensíveis com as potências sensitivas, e tal variação no modo de sentir constitui sentidos diferentes. Por exemplo, um sentido, como o tato, percebe um objeto unido a ele, mas outro, como a visão, percebe um objeto remoto.

Mas há outra variação no modo de sentir que é acidental: esta não constitui potências sensitivas diferentes; antes, é entendida com respeito à remoção de um impedimento. É este tipo de variação no modo de sentir que está em discussão.

Pois, nos animais que respiram, algo que está sobre o órgão do olfato, uma cobertura, é removido pela respiração, e, assim, quando não estão respirando, são impedidos de sentir o cheiro por causa dessa cobertura. Mas os animais que não respiram carecem de tal cobertura, e, portanto, não precisam respirar para sentir o cheiro.

Da mesma forma, vemos que alguns animais têm pálpebras e, se estas não forem abertas, tais animais não podem ver. A natureza deu essas pálpebras a animais que precisam de um sentido da visão mais aguçado para preservar seus olhos, que são moles. Portanto, animais que têm olhos duros – animais que, por assim dizer, não precisam de um sentido da visão aguçado – não têm tais pálpebras e, assim, não precisam de nenhum movimento de abrir as pálpebras para ver. Antes, o olho tem a faculdade de ver imediatamente, sem a remoção de nada.

444b28 Em seguida, quando diz **Da mesma forma, nenhum dos outros animais**, ele esclarece a solução mencionada acima por meio de outra comparação envolvendo o olfato, na qual há outra variação entre os animais que não constitui uma diferença na capacidade sensitiva.

Nenhum dos outros animais, além do ser humano, é afligido pelo que tem odor fétido por si mesmo — isto é, não em relação ao alimento. Ele disse isso acima, mas poderia haver uma dificuldade neste ponto, porque alguns animais parecem evitar odores fétidos desse tipo; e, por isso, ele retornou ao ponto para remover essa dificuldade.

Ele diz que os outros animais não evitam odores que são fétidos por si mesmos, exceto acidentalmente, isto é, na medida em que um odor fétido desse tipo acontece de ser prejudicial. Pois, uma vez que o odor é causado pelo calor, umidade e secura, como foi dito acima, às vezes acontece que um odor fétido provém de um grande desarranjo nas qualidades mencionadas, e assim, ao receber o odor, o meio é simultaneamente alterado para uma condição extremamente nociva que destrói os corpos tanto dos outros animais quanto do ser humano. Os outros animais percebem essa alteração pelo tato e, portanto, fogem de tais coisas fétidas. Ele dá o exemplo de seres humanos que sofrem de resfriado na cabeça devido à fumaça do carvão, por causa de seu desarranjo, às vezes ao ponto da destruição; e o mesmo ocorre com o enxofre. Portanto, os animais evitam essas coisas destrutivas devido à afecção de destruição que percebem. Mas eles não se importam com a própria fetidez do odor considerada em si mesma — embora muitas coisas que crescem da terra tenham odores fétidos —, mas apenas na medida em que a fetidez do odor representa algo sobre o gosto ou sobre a adequação de seu próprio alimento.

445a4 Em seguida, quando diz **Os sentidos existem em número ímpar**, ele compara o olfato aos outros sentidos.

Primeiro, ele determina a verdade. Segundo, ele elimina um erro, onde diz **O que alguns pitagóricos dizem** (445a16).

Sobre o primeiro ponto, deve-se considerar que, seguindo o costume dos pitagóricos, o Filósofo usa aqui uma propriedade do número para fazer uma comparação entre os sentidos.

Um número ímpar não pode ser dividido em duas metades como um par; antes, permanece algo indiviso no meio entre duas partes iguais, como em um grupo de cinco resta uma unidade intermediária entre dois grupos de dois. Ora, os sentidos estão dispostos em número ímpar, isto é,

um grupo de cinco. Dois deles são táteis, porque não percebem seus objetos, que lhes estão unidos, através de meios externos, e estes são o tato e o paladar. Dois deles, a saber, a visão e a audição, percebem seus objetos distantes através de outra coisa, ou seja, meios externos. Mas o olfato está no meio entre os dois grupos de dois e, portanto, também tem algo em comum com ambos os grupos.

Ele tem algo em comum com o tato e o paladar, que são os sentidos da nutrição, como é dito em *Sobre a Alma*, Livro II, nota de rodapé[^1], na medida em que o odorífero é uma afecção do alimento, segundo o odor é análogo ao sabor, e assim os objetos do tato e do paladar estão no mesmo gênero que os objetos do paladar.

O gênero do visível e do audível é o mesmo que o do odorífero, na medida em que ambos são apreendidos através de meios externos; portanto, os animais cheiram através do ar e da água, assim como também veem e ouvem através deles.

Assim, fica claro que o odorífero é algo comum a ambos os gêneros de objetos sensíveis. Pois está no gênero do tangível na medida em que é uma afecção do alimento e, assim, reúne-se no mesmo gênero que as qualidades tangíveis e gustativas. Da mesma forma, está no gênero do transparente e do audível — isto é, é percebido através do meio transparente através do qual uma coisa é vista e também ouvida, a saber, o ar e a água, embora seja percebido através destes não na medida em que são transparentes, mas na medida em que são receptivos da secura enzima, como foi dito acima. E assim, alguns razoavelmente o comparam a duas coisas: o ser do odorífero, que é a secura enzima na umidade da água e na fluidez — isto é, fluidez do ar —, é, devido à sua pronta difusão, como uma tintura — que se refere à alteração de um meio pela cor — e como uma lavagem — que se refere aos sabores —, pois o odor tem algo em comum com ambos.

Depois disso, como um epílogo, ele conclui que foi dito como devemos distinguir as espécies do odorífero e como não devemos, isto é, na medida em que os odores são tomados em si mesmos.

445a16 Em seguida, quando diz **O que alguns pitagóricos dizem**, ele elimina um erro.

Sobre este ponto, ele faz três coisas. Primeiro, ele relata a opinião errônea. Segundo, ele a refuta, onde diz **Pois, primeiro, vemos que o alimento** (445a17). Terceiro, ele responde a uma objeção tácita, onde diz **Mas é claro** (445a29).

Assim, ele primeiro diz que o que alguns pitagóricos disseram — que alguns animais são nutridos por odores — não é razoável. Segundo eles, o olfato não seria intermediário entre os sentidos, como foi dito, mas teria que ser completamente incluído entre os sentidos da nutrição. Eles foram movidos a dizer isso porque viram que os seres humanos e outros animais são fortalecidos por odores.

445a17 Em seguida, quando diz **Pois, primeiro, vemos que o alimento**, ele refuta a opinião mencionada acima com dois argumentos.

[^1]: Nota de rodapé: Referência a *De Anima* II, 9.

Primeiro, o alimento deve ser composto por mais de um elemento. Pois elementos simples não nutrem, porque os animais que se nutrem deles são compostos pelos quatro elementos, e uma coisa é nutrida pelas mesmas coisas pelas quais existe, como foi dito em *Sobre a Geração* II. Nota de rodapé Ele conclui que um sinal disso é que um resíduo é produzido a partir do alimento: seja internamente, como é evidente nos animais, em cujos corpos há lugares designados para o acúmulo de resíduos, ou externamente, no caso das plantas, cujos resíduos são imediatamente expelidos para fora, como é claro no caso das gomas das árvores e outras coisas similares. Se um animal ou planta fosse nutrido por um único elemento simples, nenhum resíduo ocorreria, pois em um elemento simples há uniformidade de partes. E embora nenhum elemento isolado seja adequado para a nutrição, devido à sua simplicidade, a água tem um impedimento especial pelo qual não pode nutrir sozinha, sem a mistura de algo terreno; por isso os agricultores adicionam adubo para nutrir as plantas com água misturada com algo: a nutrição constrói e gera algo na substância do que é nutrido, e, portanto, precisa ser algo corpóreo e sólido, o que não é verdade para a água. Daí a água sozinha não pode nutrir, e muito menos o ar. E, portanto, resta que nem o odor pode nutrir: pois é claro que o odor, sendo uma qualidade, não pode por si só construir uma substância nutrindo-a, exceto talvez em virtude do que o recebe, ou seja, o ar ou a água. Mesmo que o odor fosse evaporação, ou exalação de fumaça, como diziam os Antigos, o argumento ainda se sustentaria, porque ambos pertencem à natureza do ar, como foi dito acima.

445a23 Em seguida, quando ele diz *Além disso, vemos*, apresenta o segundo argumento.

Ele diz que todos os animais têm um lugar no qual o alimento é primeiro recebido — ou seja, o estômago —, de onde é distribuído para as partes individuais do corpo. Se considerarmos o próprio odorífero, é claro (já que a maioria dos animais cheira pela respiração) que ele é percebido por um órgão próximo ao cérebro, como foi dito acima. Mas o ar inalado, com o qual o odor é aspirado, vai para o lugar da respiração, ou seja, o pulmão. Ora, é claro que nem o cérebro nem o pulmão são o lugar nos animais que primeiro recebe o alimento. Daí é claro que o odor não nutre. Mas ele fortifica devido à alteração pelo calor, umidade e secura, e devido ao prazer; assim como o mau odor é destrutivo, como foi dito acima.

445a29 Em seguida, quando ele diz *Mas é claro*, responde a uma objeção tácita. Pois alguém poderia objetar: se o odor não nutre, é totalmente inútil. Ele responde que, embora não nutra, contribui para a saúde, como é claro pela observação e pelo que foi dito acima. Daí ele conclui que, assim como o sabor é ordenado à nutrição, o odor é ordenado à saúde.

445b1 Finalmente, a modo de epílogo, ele conclui que os objetos sensíveis foram discutidos com relação a cada órgão dos sentidos.

Revision #2
Created 5 October 2026 23:46:59 by Admin
Updated 7 October 2026 00:15:06 by Admin